



QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Director: ALEXANDRE ROSADO DA CONCEIÇÃO

Editor: J. A. SILVA COELHO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE LTD., C. da Ajuda, 176, Telef. B. 81757

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão:
CALÇADA DA AJUDA, 176 — LISBOA

PARA encerramento do ano lectivo, iniciou-se anteriormente, no Colégio Insulano, uma interessante exposição de trabalhos escolares dos alunos e alunas que frequentam este modelar estabelecimento de ensino primário e secundário do nosso bairro, proficentemente dirigido pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Cândida de Figueiredo e Ex.^{ma} Sr. Coronel Cardoso dos Santos.

As salas apresentam um aspecto interessante, vendo-se profusamente espalhados pelas mesas, magníficos bordados e artísticos desenhos, o que denota bem a excelência das mãos que os trabalharam.

Ficámos agradavelmente impressionados com a visita que fizemos à exposição, em que não nos cansámos de admirar, com certo encantamento, o produto de um ano de úteis ensinamentos, inteligentemente aprendidos.

Em virtude do pouco espaço de que dispomos, não nos é possível desenvolver as nossas apreciações aos trabalhos expostos. Não podemos, porém, deixar de salientar o desenho da autoria da gentil aluna Alda Maria, sugestivo quadro representando uma praia, e que o poeta Sr. Coronel Cardoso dos Santos ilustrou com a seguinte quadra:

«Quadro de tanta expressão,
nos faz recordar, até,
a nossa linda excursão
à praia da Nazaré.»

Também nos agradou deveras o desenho feito na ardósia da sala dos alunos de instrução primária, cujo autor desconhecemos, mas a quem felicitamos, bem como à autora do desenho a que nos referimos acima, Mlle. Alda Maria.

Para os ilustres Directores, bem como para todo o corpo docente e discente do Colégio Insulano, vão também as nossas sinceras felicitações pela forma brilhante como a exposição foi apresentada ao público.

Aqueles que ainda não tiveram a felicidade de a visitar, podem fazê-lo amanhã, dia do encerramento, das 13 às 20 horas.

UM grupo de contemplados com a sorte grande da lotaria de Santo António, do bairro da Graça, distribui amanhã, calçado e vestuário a 76 crianças pobres.

Consciência humana

A emancipação económica do indivíduo — conquistada à custa dos maiores sacrifícios — e a sua independência moral, esta consequência daquela, deixam prever os alicerces vigorosos duma civilização mais sólida e racional.

Estes dois factores, supremo bem da dignificação humana, impuzeram a cada indivíduo a responsabilidade, tam pesada como honrosa, de responder pelos seus actos, dada a valorização da sua cota parte no bem estar geral.

A humanização da vontade individual começou por melhorar as relações entre os homens e tornou as leis que as regem mais próprias do desenvolvimento da sua inteligência.

Porém, além dos actos regidos pela lei, ha ainda os actos que fazem parte da base fundamental da felicidade e em que as leis não têm acção fiscalizadora. Estes são os principais actos que dignificam o caracter individual e por consequência deve servir de unidade na valorização moral do indivíduo.

Abundam os exemplos em que um indivíduo, em determinado momento defende uma doutrina de moral sã, expõe as suas regras, defende-as calorosamente, pratica, por vezes, actos dignos de valor perante o aglomerado de indivíduos, mas isoladamente, a sós com a sua *consciência* — único tribunal por excelência que nos foi dado pelas forças superiores da criação — praticam actos que o colocam no último dos miseráveis.

Não faltam aqueles que clandestinamente se aproveitaram da posição conquistada pela consideração que merece o seu esforço, para praticarem actos menos dignificantes e por vezes deshonestos.

Eis pois um perigo para a humanidade e que os homens não poderão curar com a lei — nem sequer com a lei do extermínio para os prevaricadores.

Não são as leis feitas pelos homens que actuam essencialmente na perfeição do indivíduo, não se reforma a humanidade focando sómente doutrinas consideradas um ideal ou inventando castigos para os que não querem receber tal doutrina. (E por vezes condena-se quem pratica acções bem próximas da doutrina seguida pelo julgador!)

Só uma auto-educação é capaz de dar ao indivíduo a convicção de que deve procurar a perfeição nos pensamentos mais íntimos e nas suas acções mais isoladas.

Praticando más acções, embora com a certeza absoluta de que nunca chegará ao conhecimento geral, mesmo defendendo as doutrinas mais elevadas, o indivíduo não só corrói a humanidade como ainda destrói o seu próprio valor.

Ramiro Farinha.

TERMINAM amanhã as festas do 49.º aniversário da Cooperativa «Aliança Operária», efectuando-se no salão do Ajuda-Clube, pelas 16 horas, uma sessão solene em que farão uso da palavra, além de outros oradores, o nosso velho amigo prezado camarada Cristiano Lima, que dissertará sob o tema «Cooperativismo».

Também nesse momento, será exposto o projecto da grande obra a introduzir na sede social da Cooperativa, que ficará com mais um andar e um terraço a todo o tamanho do edificio.

Obra grandiosa a que os corpos gerentes da acreditada Cooperativa da Rua das Mercês, meteram ombros, e que projectam ter concluída daqui a um ano, solemnizando assim o seu 50.º aniversário.

A sua direcção, apresenta «O Comércio da Ajuda» as melhores sandações, ao mesmo tempo que põe à sua disposição as suas colunas.

AGORA que se estão rebocando e caíndo as paredes do quartel de Infantaria I, aproveitamos a ocasião de fazer dois pedidos, que julgamos muito fáceis de atender, e muito justos.

São elles: primeiro, a demolição daquele *morro* de pedra e cal, existente na Rua Junto do Quartel, que entaipa as janelas do antigo calabouço e dificulta o transito daquela artéria; segundo, que a calça dali retirada, seja colocada nas grandes covas da Travessa da Boa-Hora, já que não é possível repará-la tão cedo como era mister.

Confiando que não nos serão negados tão simples pedidos, desde já agradecemos muito reconhecidos.

APRESENTOU-NOS as suas despedidas, por se retirar para Alcabça, onde vai passar a época calmosa, o nosso prezado amigo e ilustre colaborador deste quinzenário, Ex.^{ma} Sr. Coronel António Bivar de Sousa.

Sua Ex.^a prometeu-nos uma série de artigos sobre um assunto de grande interesse para a nossa freguesia, que ficamos aguardando com ansiedade.

Santos & Brandão

CONSTRUCTORES

Serralharia ** Forjas ** Caldeiraria
Soldadura a autogénio

Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)

TELEFONE 81207

Farmácia Mendes Gomes

Director técnico — JOSÉ PEDRO ALVES, Farmacoutico Onímico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.^{mos} Srs. Drs.

VIRGILIO PAULA — Todos os dias às 17 horas

PEDRO DE FARIA — Terças-feiras às 10 horas e sábados às 9 horas

ALVES PEREIRA — 4^{as} feiras às 9 h.

Serviço nocturno às quintas-feiras

Calçada da Ajuda 222 — LISBOA — Telef. 81456

IMPRESSÕES

“A Viuva Alegre” no Belém Club

Quem entrou noutro dia no Belém Club para ver a «primeira» da «Viuva Alegre», que à cena daquela agremiação foi levada pelos amadores da casa, teve de à porta deixar os seus conhecimentos da arte teatral — se os possuísse.

E' que, ao contrário da opinião de certos sábios de uma nova Grécia, coisas há que não podem merecer confrontos — a menos que se façam por ignorância ou maldade. Neste caso está a representação a que assistimos a semana passada no antigo teatro Camões.

Opereta gloriosa de velho repertório, plena de dificuldades e responsabilidades, «A Viuva Alegre» é uma peça com trinta mil cordelinhos. Desta vez quem os puxou, dando-lhes acêrto e equilíbrio, foi Casimiro Janeiro, que bom partido soube tirar do grupo por si incansavelmente ensaiado e dirigido.

Louvores, grandes e sinceros, lhe cabem pela arrojada iniciativa. Deunos, de facto, um optimo espectáculo — cheio de leveza, frescura e graça, perfumado ainda pelo encantador sorriso das lindas raparigas do nosso bairro, da familia de sócios, que intervieram na representação.

Correu o pano num ambiente de gradde curiosidade. A meio do 1.º acto a plateia esboçava os primeiros sinais de contentamento; no final da romanza do 2.º acto estava dominada pelos interpretes e no 3.º manifestou claramente a sua satisfação, ovacionando com calor todos os que trabalharam para que «A Viuva Alegre» subisse à cena.

Segunda récita se realizou, rodeada do mesmo simpático carinho que envolveu a primeira, o que nos leva a pensar não dever circunscre-

ver-se a dois espectáculos o êxito indiscutível que premiou tanto trabalho.

Atente nisto a direcção do Belém Club, estudando possibilidades de novamente fazer representar a deliciosa opereta.

Tentaremos agora dizer imparcialmente como se houveram os intérpretes, todos — como dissemos — pertencentes à colectividade. E dizemos imparcialmente porque todos brilharam dentro dos seus papeis, uns mais vastos e difíceis do que outros, mas iguais nas responsabilidades do plano de conjunto. Servir-nos-emos da ordem de distribuição para melhor desempenho desta missão.

Assim, aparece-nos primeiro a figurinha gentil da menina Judite Vítor na principal personagem, Ana de Glawari, a «Viuva Alegre». Trabalho difícil levado a bom termo, mercê da graciosidade bem feminina que Judite emprestou ao papel. Voz fresca e bem timbrada, sem dissonâncias, cantou bem as partes a seu cargo. Sobretudo na célebre canção da abertura do 2.º acto foi inexcédível, o que lhe valeu fartos aplausos da assistência, que a obrigou a bisar.

«Valentina», a cargo da menina Maria das Neves Aflalo, é outro bom papel da peça. Na sua interprete teve mocidade e animação. Maria das Neves Aflalo possui uma voz de tonalidade quente, cheia de expressão. Aponte-se, por nela se ter evidenciado, a romanza do dueto do 2.º acto, em que foi primorosa.

Maria Orlanda Aragão Carvalho e Otilia Lorena de Barros, dois sorrisos cheios de encanto, deram relevo aos seus personagens marcando-os com naturalidade e intenção e emprestando-lhes muita graça.

Ana do Rosário, que tomou quasi a sério a encarnação de «Prascóvia», ajustou-se facilmente à cena e deu-nos uma velha tóla e amoruda igual a tantas que vivem fora dos palcos. Quasi nos custou acreditar que a menina Ana só andasse na roda dos quinze anos...

E, na parte feminina, crêmos que ninguém foi esquecido, embora muito mais se pudesse ainda dizer. Seguem-se agora os cavalheiros, dos quais, sem favor, Silva Coelho e Felipe Vaz tiveram as honras da noite.

Silva Coelho, no «Barão Zeta», afirmou uma vez mais os seus créditos de amator experimentado. Intencional, soube sublinhar inteligentemente todas as cenas, demonstrando bom estudo e cuidada observação. No 2.º acto, principalmente, em que a declamação é mais intensa, soube tirar excelente partido do seu jôgo fisionómico e de uma clara dição, que muito o auxiliaram nos seus números de canto. Esteve bem à altura das famas e créditos de que justamente goza: — um amator culto, integrado bem nos segredos da arte de representar.

Felipe Vaz, desta feita «Conde Danillo», deu boa conta de si. Foi, acima de tudo, elegante e distinto, muito elegante e distinto quando envergava a casaca. Teve boas e fidalgas maneiras e esteve à vontade, sem sentir o pêso da sua corôa de Conde. Possuidor de uma voz agradável e figura insinuante, representou bem o apaixonado admirador da azougada Ana de Glawari. Mereceu com justiça os aplausos com que a plateia o premiou.

«Camilo de Rossillon» teve em Reis de Almeida um bom intérprete. Patenteou optimos recursos para a

(Conclue na página 7)

Antonio Duarte Resina

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis também um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade a preços razoáveis

ABEL DINIZ D'ABREU, L^{DA}

PADARIA

Fornece pão aos domicílios

55, C. da Memória, 57 - LISBOA - Sucursal: R. da Verbena, 14 e 15

TELEFONE 81520

PALATINO

Rua Filinto Elísio
(Alto de Santo Amaro)
TELEFONE 81099

Espectáculos todos os dias
Matinéas aos domingos e feriados

O melhor, o mais amplo e o mais confortável cinema da parte ocidental da cidade

Apesar da época calmosa o Palatino continua mantendo os seus espectáculos diários dada a excelente temperatura da sua sala, que é a mais ventilada dos cinemas do bairro

Hoje e Amanhã, ás 21 horas — Amanhã, Matinée ás 15 horas: Os excelentes filmes

DOIDOS MILIONARIOS e O CORVO

Dia 26: *Charlie Chan na California e Barreiras Sociais.*

Dia 27: *A Severa e Chamada de Socorro.*

Dia 28: *Bocage e Maria do Mar.*

Dia 29: *A Canção de Lisboa e Miguel Strogoff.*

Dia 30: *O trevo de 4 folhas e Ouve o meu coração.*

Dias 31 de Julho e 1 de Agosto: *Tu és a minha felicidade e Vencido pela traição.*

Dias 2 e 3: *O sonho eterno e A minha noite de nupcias.*

Dia 4: *Gado Bravo e Eva.*

Dia 5: *As pupilas do sr. Reitor e Olhos que riem.*

ATENÇÃO — Nas matinées dos Domingos exibem-se sempre 3 filmes

De Relance...

Há três semanas arrancaram a chapa de ferro que vedava parte da-quele antiquado mictório da Rua dos Quarteis e derrubaram o marco de pedra que fazia de urinol.

A chapa levaram-na, está claro, porque o ferro, mesmo pôdre como aquele estava, vale um dinheirão; mas o marco de pedra lá continua estendido no chão, eremos que aguardando veículo que o transporte juntamente com os postes de cimento que há uns poucos de anos se encontram estendidos nas vias públicas daqueles arredores.

* * *

No dia 8 morreu afogado quando tomava banho numa lagõa de água estagnada, existente numa pedreira da Rua Aliança Operária, junto ao moinho da bruxa de Santo Amaro, o menor de 14 anos, António Mendes Rosa, residente no Largo da Ajuda, 17.

Essa lagõa, que mede uns 20 metros de superficie por 2 de fundo, continua a descoberto. Porquê, se há ali tanto entulho para a ontaipear?

Aguarda-se a morte de algum outro desgraçado?

Se em vez de nos acoimarem de rabujento (cremos que é o menor defeito que nos encontram) prestassem atenção às observações que aqui temos apontado, mesmo as de pequena monta, que visam sómente a tornar a nossa terra mais bonita e mais higienica, era bem melhor; mas não o querem, paciência...

O que é pena é termos que presenciar vergonhas como estas, que nos colocam num grau de inferioridade bem visível.

FRESINA.

UMA VIDA QUE É UM ENSINAMENTO

A grande Imprensa, quasi sempre muito pródiga em reportagem para os crimes, deu há dias, com uma concisão tocante e desprendimento, a noticia duma morte.

Na Flórida, Estados Unidos da América, faleceu o multi-milionario John Rockefeller.

A' primeira vista o caso parece banal. Se êle nem sequer nos deixou qualquer coisa...

Rockefeller, o rei do petróleo, teve a morte calma que merecia.

Nestes tempos em que não abundam santos, em que a mística não nos mostra muitos privilegiados ungidos da graça de Deus, a vida d'este homem é um belo ensinamento, é um nobre exemplo, no qual novos e velhos têm que aprender, uns a lutar e a vencer, outros a fazer da fortuna honestamente ganha um uso digno.

Esse grande homem, que morreu com 98 anos e há quasi 40 deixara os negócios, foi um rapazinho pobre.

Dele se conta que, então, teria êle dez anos e era vaqueiro, um amigo lhe preguntara o que gostaria mais de ser na vida. Ele respondeu que queria ser, e havia de ser, um homem que *valesse* 100 mil dólares.

E foi... muito, muitíssimo, infinitamente além!

Empregou-se aos sete anos numa fazenda, para não pesar aos pais, e aos 10 anos fazia o primeiro negócio, uma venda de lenha que lhe rendeu 100 dolares. E foi andando...

Aos 16 anos empregava-se numa officina de Cleveland; nas horas vagas continuava a negociar e 5 anos depois, tinha um depósito no Banco de 10 mil dolares.

Comprou por essa altura uma modesta refinaria de petróleo.

Estava lançado o «rei do petroleo».

Nunca mais a fortuna deixou de sorrir-lhe. O vaqueiro de outrora era o fundador da «Standard Oil Company».

Em 1896 abandonou os negócios, e os restantes anos da sua vida passaram em bem empregar o que ganhara na primeira metade dela.

Fundou inúmeras escolas e institutos e a Universidade de Chicago; dotou com dois milhões de dolares a cidade universitária de Paris.

Sempre um fito o guiou: — tornar possível aos humildes, como êle, ascenderem pelo trabalho e pela intelligência às mais altas posições.

Diz-se que em 35 anos distribuiu mais de 12 milhões de contos da nossa moeda por várias instituições.

Na pobreza do lar humilde em que nascera e vivera os primeiros anos aprendeu as virtudes que o fizeram erguer muito mais alto que muitos príncipes de sangue.

E, depois de rico, não pensou se não em espalhar o bem, em proporcionar aos que, como êle, menos favorecidos dos bens da terra, têm uma centelha a iluminá-los e encontram no caminho da vida uma estrela benigna a guiá-los.

Se a primeira parte da sua vida, do tempo do vaqueiro John, é um belo ensinamento para a mocidade, a segunda parte, a do «rei do petróleo», do multi-milionário, não é menor ensinamento para os velhos.

Mas, na verdade, só sabem gastar os que sabem ganhar...

Ainda um dia hei-de escrever a história d'estes «pequenos» grandes homens, aos quais a miséria os abraçou á nascença, mas que encontraram na morte as portas abertas da Glória...

Kurika.

Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las nos estabelecimentos de

FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. 81551, ou Calçada da Ajuda, 212 a 216, Telef. 81552 (antiga Merceria Malheiros)

que aí encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

As menos a título de curiosidade fazei uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, o que o seu proprietário agradece

A V Excursão de "O Comércio da Ajuda"

"O Comércio da Ajuda", no seu simpático papel de proporcionar todos os anos, a quem o deseje, alguns dias de distração longe da abafada Lisboa, levou-nos em 11, 12 e 13 deste mês até à Serra da Estrela, através as mais encantadoras regiões, numa companhia alegre e divertida, em que as senhoras, em grande número, imprimiam um cunho acentuadamente simpático e agradável.

De há três anos a esta parte tem-me cabido a honra e o prazer de escrever algumas linhas após o propósito de tão interessantes passeios, que não constituem mais do que uma recordação para todos aqueles que neles têm tomado parte.

Destá vez, no intuito de evitar descrições que, por frequentemente repetidas, se tornam assaz fastidiosas, limitar-me-oi a dar as impressões que o meu então péssimo estado de saúde me permitiu colher.

O trajecto entre Lisboa e Vila Franca serviu para que todos os excursionistas se familiarissem. Tor-

naram-se amigos aqueles que na véspera ainda se não conheciam.

Não tivemos deste ano a sempre desejada companhia do sr. Viriato Silva, o que nos inibiu de ouvir algumas judiciosas considerações sobre os efeitos benéficos do café em toda a casta de doenças... inclusivamente nas mentais e nas algebeiras...

Por mim tive pena que esse nosso amigo não tivesse podido acompanhar-nos e estou certo que todos sentiram a sua falta. Encontrei, contudo, numa gentil senhora, quem o substituisse cabalmente na propagação do energético estimulante como específico radical para fazer cessar quaisquer dores.

E o mais interessante e contraditório é que a simpática propagadora levou todo o dia de domingo, 11, com uma dessas dores de cabeça de que não há memória nos anais das doenças... sem importância.

Eram 13 horas, mais palmo menos cedo, quando chegámos a Abrantes, depois de uma hora de paragem em Santarém e meia em Torres Novas.

Passado o meio-dia, é humanamente impossível pensar noutra coisa que não seja no almoço.

Por isso, procurámos uma pensão. Nada havia pronto, na ocasião, para comer... nem palha tampouco. Era mister esperar uma hora. Que remédio!

Aproveitámos o tempo concedido para visitar o jardim, o castelo, o museu e o mirante.

No jardim, e cómodamente sentado num banco de pedra, sob a sombra benéfica duma árvore, deparámos com um companheiro nosso, que entreteinha o estômago, como ele nos disse, com «petiscos» que levára de Lisboa.

Aproximei-me, pois sempre me despertou curiosidade uma pessoa comendo. Era o sr. Manuel Duarte, que, ao ver-me, teve a delicadeza de me convidar a partilhar da sua «digeira» refeição. Hesitei um pouco, mas depois recusei, pensando no dito: «oferecer é delicadeza e aceitar é uma pouca vergonha...».

E depois, como o comer e o coçar o mau é principiar, tive receio, pelo sr. Duarte, que as *costeletas* de...

QUANDO Mateus atingiu os limites do recinto ocupado pela Tribu sublevada dos enamatos, continuou a avançar, mas redobrou de cuidados. Deslisara, quasi subtilmente rastejava, sem que o mais leve ruído o denunciasse.

A escuridão da noite auxiliava-o até então: era uma sombra atravessando a sombra.

Mas, na orla do horizonte, o crescente da Lua no minigante acabava de surgir boiando entre névoas negras, como um punhal cintilando envolto em farrapos. Uma claridade fraca, esverdeada, trespassava a folhagem, a marchetar o solo de tiras e placas de prata. Gaia encimava, uma brisa levíssima arripiava-lhe os membros. Cosen-se mais com a sombra, e a sua avançada continou.

De repente, quando acabava de contornar um barranco, parou. A distancia relativamente pequena de descobrir uma fogueira, em torno da qual se distinguiam, recortando-se, alumados pelo clarim, os vultos de quatro negros

Deteve-se um instante, perplexo, como numa hesitação, recesso do passo que ia dar. Olhou para o gatião da sua carabina, num visível intuito de verificar se funcionava bem, pousou-a lentamente no chão e ajustou melhor à cinta a correia, da qual pendia a bafinha com o seu punhal.

Quasi rastejando como um réptil, avançou ainda mais algumas dezenas de metros, depois, estendido de bruços sobre o chão, segurando o cano da espingarda sobre o assovio especial, fino, prolongado, com que, na sua adolescência passada no sertão, ele e os companheiros se avisaram mutuamente.

Agora, distinguia nitidamente os homens da sua raça. Estavam acocorados em torno do lume, conversavam e comiam qualquer coisa que devia ser farinha de mandioca com carne assada à fogueira.

Assim que ouviram o assovio, estacaram, surpresos. Mateus viu-os erguerem-se e, de mãos sobre os olhos fazendo de visiera, proscreuram a noite.

Esperou um momento, sem se mover. Novamente, deu o sinal da tribu. Então, chegou-lhe uma voz:

— Avança!

O rastejar cauteloso recomeçou. A alguns passos levantou-se. Os enamatos, ainda desconfiados, viram um negro de corpulência hercúlea, não apenas com a tanga, trazendo nas mãos uma espingarda como os dois brancos, no qual adivinharam homem que tinha saído do seu meio.

Rodearam-no e, sem saudação prévia, um que já tinha cabelos brancos e parecia o mais velho, perguntou-lhe:

— Quem és tu? Por que és que nos procuras?

Mateus respondeu:

— Não se assustem! Venho trazer-vos a vitória sobre os brancos. Não me conhecem, porque há muitas

luas me levaram daqui. Venho meio dos «maniputos» mas eu também sou homem deerra dos enamatos».

— Que me dizes? Não o queres enganar? Mas como é que nos darás a vitória sobre os maniputos? Isso é difícil!

— Não te inquietes! Eu sei o que me faz e não me levo a meu segredo e só o revelarei quando me levarem à presença do soba.

— A estas horas é de não queres receber. Está com as suas mulheres...

— Digam ao soba que lhe trago a vitória sobre os brancos e ele me receberá.

Outro dos negros tocou a arábica:

— Tens uma boa espingarda... Dá-ma, Mateus, pondo-lhe a mão sobre o ombro, respondeu-lhe, sorrindo:

— Não posso, porque é imprudente que trago para o soba. No entanto, prometo que brevemente terás mais do que uma. Mas levamos ao soba!

Os seus interlocutores miraram uma última hesitação, mas, por fim, o que primeiro lhe falara, proferiu resolutamente:

— Vamos!

Mateus era, efectivamente um enamato que, como ele proprio acabara de dizer, levava muito cedo a sua região natal. Teria naquela ocasião vinte e cinco anos e seria rapazito dos seus dezasseis quando um militar português, comandante da sua capitania-mór, o levára da terra para Luanda.

Era um garoto que gostava de aparecer na fortaleza, e, muitas vezes, servira de guia a expedições em missão de reconhecimento.

O capitão-mór afoleou-o, gostou da sua esportividade e pose a instruí-lo por distração. Ensinou-lhe a soletar e, lentamente, ele foi aprendendo a falar o português. Quando o capitão-mór

que tinha sido transferido de posto e se dirigia a Luanda lhe perguntou se queria acompanhá-lo, ele aceitou com entusiasmo. O militar substituiu-lhe a tanga por uma farda já muito usada de kaki, encarregou-o de olhar pela sua bagagem e puzeram-se a caminho.

Em Luanda o jovem enamato sentiu-se deslumbrado com uma cidade tão grande. Ele que nunca tinha saído da sua pequena aldeia de cubatas. Conheceu uma admiração sem limites pela gente que tinha construído tantas obras que lhe pareciam belas e consagrou-se então a ser reservado, ao serviço do ex-capitão-mór, que, para ele, era o representante máximo de uma civilização esplendida.

Ele falava-lhe de Lisboa, que era da cidade comparada com a qual Luanda ficava a perder de vista e tentou fazê-lo chegar à compreensão da ideia de uma pátria que ficava longe, mas que merecia que a amássemos sobre tudo e a cuja grandeza tudo sacrificássemos.

Para Mateus, nome com que o capitão baptizara, Portugal ficava sendo qualquer coisa de abstracto, que ele imaginava mal, mas que, no seu limitado horizonte intelectual, resplandecia como uma luz deslumbrante.

Tomou a resolução de ser um grande português. O capitão fê-lo assentar praça como soldado; percorreu Angola quasi inteira, destacado para vários postos militares, até que foi parar exactamente ao mesmo donde o seu primeiro protector o tinha levado. Desde alguns tempos, negociantes portugueses que de mais perto observavam os indígenas, notavam nêles sinais de revolta próxima. Fizeram-se antes um comércio imprudente de armas de fogo, e de pólvora, que, nas mãos de uma tribu belicosa se podiam tornar perigosas. Os alarvos, chegaram à fortaleza, mas ainda não se tivera tempo de pedir reforços para Luanda, quando certa manhã bandos de enamatos sob o comando de um dos sobas, saquearam os estabelecimentos comerciais, matando os donos e massa-

bacalhau que eu estava divisando além, semi-escondidas no cesto, desaparecessem em luta com o meu voraz apetite...

Tinha passado o tempo estipulado para que o almoço ficasse pronto. Mas o quê? Primeiro que ele viesse para a mesa, decorreu quasi outra hora.

O primeiro prato compunha-se de peçada cozida com batatas e feijão verde, mas peçada decerto já pescada alguns oito dias antes, dado o estado intragável em que se encontrava.

Repudiado por quasi todos este prato, seguiu-se presunto com ovos estrelados e meia dúzia de rodellas de batatas fritas, que, em comparação com a deteriorada peçada de abertura, nos pareceu delicioso *mandá* caído do céu aos trambulhões por obra e graça do deus da gula, cujo nome não me lembra agora.

Uma dor de estômago terrível, de que me fiz acompanhar desde Lisboa, começou a fazer-se sentir com mais violência, a que a chávena de café que a menina Adelina Massas me aconselhou que bebesse não conseguiu acalmar, antes me conduziu ás fronteiras do desespero.

Depressa vi que não era eu o único martirizado. Na mesa vizinha, o nosso Director, Sr. Alexandre Rosado, pro-

curava também, no bicarbonato, lenitivo à moléstia que me affligia. E fiquei um pouco mais satisfeito. Sim, porque nada há mais consolador, quando um mal nos arrebata, do que vemos que outros também sofrem do mesmo mal. A miséria só encontra consolação na miséria, pois só esta lhe dá valor.

Saimos de Abrantes, sem grandes saudades, três horas depois de lá termos entrado.

Sob um calor infernal, atravessámos Gavião e Niza, no Alto Alentejo, em direitura a Castelo Branco.

A tarde ia caindo, o tempo ia-se torçando mais fresco... e a minha dor de estômago ia aumentando.

A' medida que caminhávamos para o norte, a paisagem apresentava-se mais pitoresca, mais digna de admiração.

No auto reinava a maior animação. A conversação generalizara-se e o sr. Henrique Lis, com o seu inexgotável bom humor, dera início aos recitativos, cantos e improvisos, que se terminaram quando, já noite, avistámos as luzes da Covilhã, o fim da nossa viagem d'esse dia.

Dada a hora tardia em que chegámos, procurou cada um dos excursionistas uma pensão onde jantasse e passasse a noite, sem nenhum ter von-

ANTONIO ALVES DE MATOS, L.^{DA}
Rua das Casas de Trabalho, 177 a 183
LISBOA

GENÉROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

tade de visitar a cidade que, diga-se de passagem, nada possui de atraente.

No dia seguinte, ás 6 horas, os excursionistas reuniram-se junto do autocarro. Começou a troca de impressões. Em resumo: todos dormiram bem.

Graças a Nossa Senhora das Dores, a minha dor de estômago desaparecera para dar lugar a uma boa disposição, filha de um ininterrupto sono de quasi seis horas.

O nosso destino agora era Manteigas, Além, nas faldas da Serra. Café com leite, pão fresco e apetitoso, embora mal cozido, e manteiga com um pouco de ranço... se bem que saborosa, é a única recordação que nos resta de Manteigas.

A ascensão da Serra, até ás Penhas Douradas, durou algumas horas. Os excursionistas encantaram-se ante o interessante e selvático panorama que se disfruta ao longo da estrada, simplesmente. Imponência, se tem, eu pelo menos não dei por tal. Como a Serra da Estrela era a única parte do passeio para mim desconhecida, julguei colher ali impressões mais fortes do que aquelas que me foram concedidas. Contudo, é possível que no inverno aqueles rochedos, cobertos de neve, ofereçam algo de imponente e

erando parte da guarnição que se achava desprevenida na aldeia. A fortaleza dispunha de dois pequenos canhões de campanha, de algumas metralhadoras, defendendo-se energicamente dos atacantes mas ficou sitiada. Não se tinham tomado precauções de antemão; socorros não se esperavam em todo, os viveres começaram a faltar ao fim de alguns dias de cerco, de forma que a situação começava a tornar-se grave.

Um dia, Mateus arresentou-se ao oficial que comandava a fôrça e pediu-lhe licença para ir matar o soba. Se conseguisse o seu intuito, os enamatos tomariam a fuga e o perigo estaria passado. O comandante encarou-o muito e — «olha lá, não nos atrações» — deixou-o ir.

Quando o soba, no meio das mulheres, recebeu Mateus, acompanhado de dois negros que o acolheram ao pé da fogueira, disse-lhe:

— O' chefe, eu só te poderei revelar o segredo da tua vitória sobre os brancos, quando estivermos sós.

(Conclue na página 7)

Nova Padaria Taboense
ANTÓNIO LOPES MARQUES
Esta padaria está patente ao publico para verem as suas condições hygienicas
R. das Mercês, 116 a 120 — SUCURSAL: T. Paulo Martins e Largo da Paz
TELEF. 81656 — AJUDA — LISBOA

Favorita Ajudense
DE
J. J. CAETANO
Completo sortido de Façoletto, Retrozeiro, Rosparia e Gravalaria
Artigos Escolares — Material electrico
GRANDES PECHINCHAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO
167, Calçada da Ajuda, 169
TELEFONE 81456

Gráfica Ajudense

TIPOGRAFIA
PAPELARIA
com secção de
Tabacaria
Perfumaria
Livraria

Artigos escares
Calçada da Ajuda, 176
TELEF. 1757



3\$00
é o preço por que a

Gráfica Ajudense Ltd.
vende um caixa de optimo papel para carta, em 50 folhas e 50 envelopes, forrados interiormente.

Verdadeira pinchal

de impressionante. Em Julho, não.

Abandonámos a Serra para irmos almoçar a Seia, encantador oásis perdido naquele deserto.

Ainda sob a impressão do péssimo almoço do dia anterior, em Abrantes, os trinta e nove excursionistas dividiram-se em dois grupos, que invadiram as pensões Castro e Central. Decididamente foi este o melhor almoço dos passeantes e o que decorreu com mais animação e espírito, sem quaisquer dóres: nem de estômago, nem de cabeça, nem... de cotovelo.

Muito contribuiu para que assim sucedesse a forma deveras carinhosa, e por isso digna dos nossos mais rasgados elogios e agradecimentos, como os proprietários das duas pensões vizinhas nos trataram.

Só tive pena de, na sobremesa, não ter bebido café e provado o muito gabado doce de ginja da pensão Castro, de que tanto falaram depois todos os que tiveram essa felicidade. Em compensação, na pensão Central, não faltou o bom queijo da Serra, o optimo vinho e o possivelmente apetitoso doce de pêssego, que a minha curiosidade descobriu sobre o aparador, mas que a criada se esqueceu de colocar na minha mesa...

O Luso e o Buçaco, bem como Oliveira do Hospital e Santa Comba Dão foram vistos com a curiosidade que os seus encantos naturais requerem.

De Coimbra, onde passámos a noite da véspera, partimos no dia 13 às 7 horas da manhã para a Louzã, encantador rincão pouco frequentado por excursões, o que não se explica, pois é deveras grata à vista e ao sen-

timento a paisagem arrebatadora que se goza em todo o trajecto através a Serra.

Por ser dia 13 a concorrência em Fátima era grande. Muito povo dos arredores e inúmeros excursionistas dos mais longínquos pontos do país davam à romaria um aspecto surpreendente.

Depois de algum tempo de paragem na Batalha, Alcobaca e Nazaré, chegámos às Caldas da Rainha por volta das 23 horas, em que jantámos. Daqui seguimos directamente para Lisboa. Apesar de estar prestes a findar o interessante passeio a animação no auto-carro não deminuiu.

E foi com imensa saudade que cada um dos excursionistas abandonou o auto, após a sua chegada à Ajuda, sem se poder convencer que a viagem estava no seu termo...

A. M. P.

Tomaram parte na excursão as Ex.^{mas} Sr.^{as} D.^{as} Adelina Massas, Aida Coelho, Antónia Coelho, Antónia Rodrigues, Aurora Gomes Andrade, Beatriz Braz Gomes, Blandina dos Santos, Brenda de Almeida, Elvira A. Santos Lopes, Elvira Settas, Julieta Lopes, Lidia Pedrosa, Maria dos Anjos Saraiva, Maria Diogo, Natalina Rodrigues, Olimpia Barbosa, Olivia A. Santos Lopes, Rita Palma Mendes e Rita Palma Nazaré e os Srs. Alexandre Coelho, Alexandre Rosado, Alexandre Settas, António Duarte Saraiva, António V. Sousa Lopes, Armando Marques Pereira, Casimiro Santos, Fernando Pedrosa, Henrique Lis, Idallino Caetano, J. A. Silva Coelho, Joaquim Pedro Barbosa, João Eusébio d'Oliveira, José d'Almeida, José Casimiro dos Santos, José Fernandes, Julio Lopes, Manuel Duarte e Olimpio de Andrade.

Este número foi visado
pela Comissão de Censura

Moveis, Estofos e Decorações

**Não basta adquirir mobília,
é sempre preciso bom gosto**

ESPECIALIDADE DA CASA

Manuel Cordeiro

Facilitam-se pagamentos

**Secção montada para fornecimento
para toda a Província**

Rua de Belém, 80 e 82

TELEFONE 81237

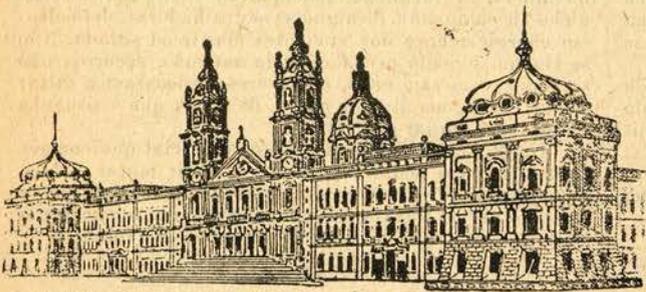
LISBOA

Jardim Botânico da Ajuda

Fomos procurados por um grupo de frequentadores do nosso Jardim Botânico que nos pediu que intercedéssemos junto do Ex.^{mo} Sr. Director do Instituto Superior de Agronomia para que aquele jardim se conserve aberto até mais tarde, pois que a hora a que fecha actualmente, 18 horas, é pouco mais de meia tarde.

Cremos que só por motivo de ordem interna é encerrado tão cedo, mas confiamos que S. Ex.^a o Sr. Dr. André Navarro, a quem endereçamos este justo pedido, fará o possível por atender o desejo dos veihotes que se sentem bem naquela mansidão e lhes facilitará mais umas horas de permanência naquele paraíso.

EFIÉRRE.



VINHOS DE CHELEIROS

MARCA: RESINAS

Os bons vinhos desta região encontram-se à venda nos seguintes estabelecimentos:

Rua do Cruzeiro, 109-117	Calçada da Ajuda, 95-97
Rua da Junqueira, 293 B-293 D	Calçada da Ajuda, 154-156
Rua Leão de Oliveira, 36-38	Calçada da Ajuda, 212-216
Largo 20 de Abril Calvario, 1	Calçada da Tapada, 47-53

Armazem de Revenda:

1, Travessa da Ferrugenta, 3

Telefone 81551

LISBOA

Amândio C. Mascarenhas

**SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA
SOLDADURA AUTOGENIA**

Construção aperfeiçoada de ferragens
para fornos de padarias, do mais moderno sistema
e fogões em todos os generos

R. Mercês, 104 (Ajuda) — LISBOA — Telef. 81496

AGENCIA MIGUEIS

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES

Calçada da Boa Hora, 216 — LISBOA
TELEFONE 81367

José Vicente d'Oliveira & C.^a (F.^o)

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA

TELEFONE 81056

“A VIUVA ALEGRE” NO BELEM-CLUB

(Continuado da pág 2)

arte do bel-canto, mórmente na romança do 2.º acto, contracenando com «Valentina», pelo que obteve da assistência uma das maiores ovações da noite.

Manuel Mesquita estava no «Niegus» como peixinho dentro de água. Natural, espontâneo e com muita graça. Destaquemos-lhe o espírito com que venceu o ébrio do «cabaret».

Raul Barruncho, Manuel Lopes e Luiz Pereira Gil muito engraçados, compondo tipos pitorêscos. Fizeram rir a bom rir.

Armando de Almeida e Icaro de Carvalho completaram bem o conjunto, contribuindo para o brilhantismo da interpretação.

* *

Córos afinadíssimos e bem ensaiados, cuidados, os femininos, pelas meninas Aida Paiva, Alda Pereira, Aurora Santos, Diamantina Salvaterra, Gracelina Salvaterra, Isaura Duran Martins, Maria da Conceição Salvaterra, Maria de Lourdes Gomes, Maria Manuela Vicente, Maria Romana Almeida Pinha e Maria Virgínia de Sousa, um delicioso friso de encantadoras mocidades.

A parte masculina foi confiada aos srs.: Alexandre A. A. Coelho, António Orlando Simões, António Rocha, Carlos Alberto Ruas, Duarte de Abreu, João Alves de Melo, Joaquim T. A. Costa, José Graça Sousa Palma, José Maria Vieira, Manuel Nunes Dias Barbosa Jr., Manuel de Oliveira, Norberto Leirião Tomé, Romulo Trindade e Tito Lopes, que boa conta deram do seu trabalho.

O corpo de baile, que fez boa exibição, com excelentes marcações, e foi superiormente ensaiado pelo Sr. Alberto Anahory — uma competência no assunto — é digno de relêvo especial pela forma como se apresentou em danças difíceis, como o são as montenegrinas. Compuseram no as meninas Alda Pereira, Ana do Rosário, Isaura Duran Martins, Maria de Lourdes Gomes, Maria Romana Almeida Pinha e Otilia Lorena de Barros e os Srs. Duarte de Abreu, Francisco Menezes, Jaime Correia José Baptista, José Soares e Júlio Pereira.

* *

Injustiça seria não salientar nestas impressões o nome da distinta maestrina Sr^a D. Lucinda Saudade Espada Duarte — a grande animadora da parte musical. A inspirada partitura de Franz Lehar é lhe familiar. Isso, a sua competência, deu as mãos a uma inexcedível dedicação — e conseguiu-se o milagre da *Viúva Alegre* no Belém Club.

Resta-nos Casimiro Janeiro, que

ADELINO JULIO ELEUTÉRIO

CANTEIRO-CONSTRUTOR

JAZIGOS, OSSÁRIOS, CAMPAS EM MÁRMORE, AZULEJO OU CIMENTO, A PRONTO E A PRESTAÇÕES.

CANTARIAS PARA OBRAS, MÁRMORES NACIONAIS E ESTRANGEIROS.

FRENTES PARA ESTABELECIMENTOS, BALCÕES, MOVEIS, ETC., ETC.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

TEM CONSTRUÍDOS PARA ENTREGA IMEDIATA, JAZIGOS E OSSÁRIOS

Officinas: **ESTRADA DE CAZELAS, 5-AD**

(junto ao Cemitério da Ajuda, á parte de cima)

Prestam-se todos os esclarecimentos no kiosque em frente ao portão do Cemitério

Telefone
81-826

espantosamente multiplicou as suas energias e actividades. Até regeu a orquestra!

Dêem-lhe de prémio incentivos, palmas ou flores. Nós apenas lhe damos o que em nossa lealdade lhe cabe: — um sincero abraço de parabéns.

António Prata.

AJUDA-CLUB

Pede-nos a Comissão Organizadora da II Excursão do Ajuda-Clube, para que por intermédio do nosso jornal comuniquemos às pessoas interessadas, de que o prazo para liquidação das suas inscrições, será encerrado imprerterivelmente no próximo dia 3 de Agosto, na séde do Clube, das 20 às 22 horas.

Todas as pessoas que nessa data não satisfizerem a totalidade de seus débitos, perderão não só o direito de se inscreverem, como ainda das importancias que já tiverem pago.

MATEUS, O CLARIM

(Continuado da página 5)

A um aceno do rei, as mulheres e os gnerreiros retiraram-se e dispersaram-se. Mateus não os fez esperar muito tempo; saiu cerca de meia hora depois e disse para os que se aproximaram: — O soba quere ficar só a pensar. Eu retiro-me já para o pé dos brancos, para que não dêem por minha falta, mas, amanhã, quando se travar o combate, passarei para o vosso lado.

Disse e afastou-se no seu passo rápido. Alguns notaram, todavia, que êle tinha a voz ofegante e, no ombro, trazia a pele rasgada de um grande ferimento.

Mateus ia já longe, ouviu de repente, no silêncio da noite, o solo vibrar com passadas frenéticas. Lançou-se numa correria louca, ouviu o estampido de tiros e balas silvando-lhe aos ouvidos.

Passados três dias, no pátio da fortaleza os clarins tocaram, tambores rufaram na cerimónia da condecoração do soldado indígena Mateus, clarim do seu regimento que tinha salvo a força da guarnição portuguesa, matando o soba da tribu revoltada dos euamatos, á qual êle próprio pertencia.

Mateus chorava sob os abraços... Mas, á tarde, quando o procuraram para se ir sentar ao repasto da noite que se dava em sua honra, foram encontrá-lo enforcado na casamata da fortaleza.

BENEFICÊNCIA

A Cooperativa dos Retalhistas de Leite ofereceu á Junta da nossa freguesia, 150 senhas, representando 150 litros de leite, que foram distribuidos pelos pobres no nosso burgo, em comemoração da abertura da sua sucursal no Bairro Económico, inaugurada no domingo 11.

Em nome dos contemplados com as senhas que nos foram distribuidas, apresentamos os nossos agradecimentos.

*

Pelo eterno descanso de Manuel Fernandes, falecido há um ano, e que durante mais de meio século exerceu com a máxima proficiencia o cargo de jardineiro-chefe do nosso Jardim Botânico, recebemos de sua Ex.^{ma} Família quinze escudos que distribuímos pelos seguintes pobres: José Ferreira, septuagenário, morador no Casalinho da Ajuda, 13 (moinho), impossibilitado de trabalhar, e que há poucos dias perdeu a sua companheira de muitos anos; Miguel Pinheiro, também septuagenario e doente, morador na Rua do Laranjal 8, e Francisco Félix de Carvalho, de 63 anos, Pátio Rita Borges, 5. Em nome dos contemplados, os nossos agradecimentos.

GEWIROL

é a marca da magnifica máquina
fotográfica que a

Gráfica Ajudense, L.^{da}

Calcada da Ajuda, 176, vende em
prestações de 7\$50 semanais
com bonus

Vendem-se películas e outros artigos
fotográficos e aceitam-se trabalhos
de amadores

AS CHAPAS ONDULADAS LUSALITE

são a solução dos telhados

Chapas lisas para tectos e divisorias — Tubagens e depósitos para água

PRESTA TODAS AS INFORMAÇÕES:

CORPORAÇÃO MERCANTIL PORTUGUESA, L.^{DA}

Rua de S. Nicolau, 123 — LISBOA — Telefones: 23948 - 28941

João Luiz de Moura

Embora se esperasse a cada momento um desenlace fatal, a triste noticia do falecimento do Governador Civil de Lisboa consternou toda a gente.

A sua obra grandiosa em prol da beneficência tornou-o acarinhado pelo povo, a quem o saudoso extinto muito queria.

E' grande o número de instituições que o falecido muito auxiliava e que, sem o seu amparo, seria impossível existirem.

O seu funeral foi uma demonstração de quanta saudade deixou entre os milhares de pessoas que o acompanharam ao cemitério.

«O Comércio da Ajuda» apresenta a toda a familia enlutada a expressão do seu profundo pesar.

Casa Belmira

CHAPEUS PARA SENHORAS E CRIANÇAS
A PREÇOS BARATISSIMOS

Tinge e transforma. Tem sempre as últimas novidades. Aplicações nacionais e estrangeiras

Grande sortido em flôres artificiais

Rua Coronel Pereira da Silva, 15
(Bairro Económico da Ajuda)

Agradecimento

Maria Dorothea da Silva Reis e sua familia, agradecem reconhecidos a todas as pessoas que se interessaram durante a doença e acompanharam à sua última morada o seu marido Manuel Augusto dos Reis.

SE EU PUDESSE...

*Se eu pudesse estava sempre
Junto de ti, meu amor
Para ter constantemente
Dos teus beijos o calor!*

*Dizes não acreditar
Nêste meu amor fremente
Mas teus lábios a beijar
Se eu pudesse estava sempre.*

*Embora não queiras erêr
Desejo-te com ardôr
E queria só viver
Junto de ti, meu amor.*

*E' só êste o meu desejo
Embora sejas descrente
Queria dar-te um só beijo
Para ter constantemente.*

*A sensação delirante
De beijar-te com fervôr!
Sentiria a todo o instante
Dos teus beijos o calor.*

*Helena Moreno Verdugo Afonso
e Mario Nicolau.*

General José Ernesto de Sampayo

Na casa do Largo do Figueiredo, 1-C 1.º, faleceu ontem o Sr. general José Ernesto de Sampayo, presidente do Conselho de Recursos.

Era casado com a Sr.ª D. Luiza de Jesus Pinto de Sampayo e cunhado e tio, respectivamente, dos nossos prezados amigos Srs. Bazilio Joaquim Ribeiro Júnior, Mario de Sampayo Ribeiro e Fernando Sampayo Ribeiro, a quem apresentamos sentimentos.

José de Assunção

Com avançada idade e em resultado duma queda, finou-se no hospital de S. José, o nosso amigo José de Assunção, um dos fundadores do Ajuda Clube, de onde era sócio honorário.

O funeral do bom velhote, realizou-se na passada terça-feira para o cemitério da Ajuda.

A' familia enlutada, apresentamos condolências.

Farmácia Souza

Calçada da Ajuda, 170 ■ LISBOA ■ Telefone 81 329

COSULTAS pelos Ex.^{mos} Srs. Drs.

Carrilho Xavier

Todos os dias
às 11 horas

Pedro de Faria

3.^{as}, 5.^{as} e sábados
às 9 horas

Medina de Sousa

Todos os dias
às 18 horas

VIRGINIA DE SOUSA

Parteira pela Escola Médico-Cirurgica de Lisboa

Chamadas urgentes a qualquer hora, nesta farmácia

*A manipulação escrupulosamente cuidada de todo o receituário aviado
nesta farmácia, pode ser atestada por todos os médicos*

AVIAM-SE RECEITAS DE TODAS AS ASSOCIAÇÕES DE SOC. MÚTUOS